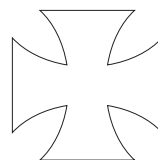


# contos da colina

11 ídolos do Vasco e sua imensa torcida bem feliz



**nei lopes**  
**mauricio murad**  
**luis maffei**

prefácio de sérgio cabral





histórias vascaínas **prefácio de sérgio cabral** 4

tava todo mundo saindo, eu saí também (ademir) **mauricio murad** 7

alfredo segundo o próprio (alfredo segundo) **nei lopes** 17

as espessuras do tempo (barbosa) **luis maffei** 27

minha avó era sua tiete (bellini) **mauricio murad** 37

danilo e o júizo (danilo) **luis maffei** 45

e o bom menino aconteceu (edmundo) **mauricio murad** 55

o evangelho segundo paracambi (eli) **nei lopes** 69

“cipós apodrecidos, em águas pútridas” (ipojucan) **nei lopes** 77

reserva real (juninho) **luis maffei** 85

não, não, você será o primeiro, sim (roberto) **mauricio murad** 95

dona licinha passando, passando ... (sabará) **nei lopes** 107

malabar no sangue (torcida) **luis maffei** 115

# histórias vascaínas

sérgio cabral

Assim como sempre sonhei ser um craque e jogar no Vasco (um personagem deste livro, Alfredo Segundo ou Sabará, cruza a bola e eu entro de cabeça: gol do Vasco!), confesso que, lendo as histórias que se seguem, fiquei com uma vontade danada de ser um dos seus autores. Afinal de contas, me senti em casa. A verdade, porém, é que abaixo a cabeça e reconheço que não tenho bola suficiente para jogar nesse time.

Meu sonho de ser um dos autores não tem muito a ver com a literatura, mas com o amor pelos personagens das histórias narradas por Luis Maffei, Mauricio Murad e Nei Lopes. Amor e intimidade, já que fazem parte da minha vida há muitas décadas. De Ademir, por exemplo, sou amigo há quase 70 anos, embora ele somente tenha sabido da minha existência há pouco mais de 40.

Aliás, iria meter-me no livro para dizer que só não escrevi a biografia de Ademir Marques de Menezes porque o jornalista Fernando Horácio me disse que iria escrevê-la. Mas Ademir estava pronto a prestar-me quantos depoimentos eu quisesse. Iria contar também que com 10 anos pulei no gramado de Conselheiro Galvão por causa de uma briga na arquibancada, e que Barbosa pediu ao guarda para permitir que eu ficasse vendo o jogo atrás do gol.

Contaria que, quando fui Secretário de Esportes e Lazer da Prefeitura carioca, Sabará queria ver-me, mas eu teria de encontrar com ele na portaria, porque meu ídolo – vejam vocês – tinha medo de elevador. Contaria que, na chegada da Seleção Brasileira campeã do mundo na Suécia, em 1958, atendi a um pedido do vascaíno Pixinguinha e apresentei Bellini, Orlando e Vavá a ele. Contaria que vi a estreia de Edmundo no júnior do Vasco, quando driblou o time inteiro do Botafogo e fez o gol. No dia seguinte, sem saber o nome dele, elogiei no jornal o jovem que jogava com o número 16 na camisa.

Mas o trio autor destes *Contos da Colina* são craques e só não os nomeio os Três Patetas porque daria margem a interpretações equivocadas, quando imagino apenas compará-los com aqueles três – Lelé, Isaías e Jair da Rosa Pinto – que trocaram o Madureira pelo Vasco e que fizeram de

1945 um dos melhores anos da minha vida, quando o Vasco deu início ao Expresso da Vitória e a uma série de conquistas nacionais e internacionais, incluindo três campeonatos cariocas sem perder para ninguém.

Mas não posso fechar estas linhas sem fazer um emocionado agradecimento a Nei Lopes pelo seu inconformismo com o tratamento que damos a Alfredo Segundo, possivelmente o jogador de futebol mais vascaíno de todos os tempos. Se era Alfredo Segundo, é claro que havia um Alfredo Primeiro. Mas deste não sei nada, o que sei é que Alfredo Segundo, para mim, será sempre o Primeiro.

tava todo mundo saindo, eu saí também

mauricio murad





Quando recebemos, em casa, o telegrama com a notícia e junto o convite de que uma das mais importantes universidades brasileiras faria uma homenagem, uma homenagem daquelas a seu pai, eu confesso: fiquei emocionada. Ele, claro, deu de ombros, apesar de não ter conseguido evitar um sorriso maroto, que escorregou pelo canto da boca.

O telegrama, como todo telegrama, era seco, econômico nas palavras, mas o convite, o convite, filha, era digno de seu pai. A entrega da placa, com os brasões da universidade, seria no Grande Salão Nobre da Reitoria, com toda a cúpula da instituição reunida especialmente para a cerimônia.

Seu pai foi saudado por um professor catedrático, com toda aquela roupa, com pompas e circunstâncias. Ele sabia tudo da história do pai, dava pra ver que tinha pesquisado mesmo, estudado. Eu e seu irmão com a família dele saboreamos cada detalhe, cada palavra. Falou muito do seu avô, da importância do pai do seu pai, na carreira profissional dele.

O professor falava bonito, mas ao mesmo tempo falava simples, fácil; dava pra todo mundo entender. O auditório era lindo, estava lotado e não se ouvia nem pensamento. Todo mundo bastante atento, ligado; várias vezes o professor foi interrompido por aplausos. Foi uma das melhores homenagens feitas a seu pai. Pelo menos, das que eu estive presente. Pena que você e os meninos não puderam chegar a tempo, não é? Eu não tinha mais onde ficar orgulhosa e soltei as lágrimas algumas vezes.

– E o pai?

– Daquele jeito que você sabe. Tranquilão, meio indiferente a tudo ou a quase tudo... meio nem aí, como é do estilo dele, agora, na idade avançada. Antes, não era assim. Só balançou, e até permitiu que uma lágrima descesse, quando o poeta foi citado, como companheiro, amigo e sobretudo admirador.

– O João Cabral?

– O João Cabral!

– Então, se ele conseguiu se emocionar... isso foi bom, não acha?

– Foi, foi sim, e não disfarçou, não. A plateia notou e aplaudiu a emoção do pai... e ele sorriu o melhor sorriso da noite.

Como nós todos sabemos, muitas são as passagens dele com o João Cabral, desde o Recife. Mas o professor mandou uma que ninguém conhecia, ninguém podia conhecer, porque aconteceu no dia da homenagem. Aliás, foi feita para a homenagem. O João Cabral foi convidado e seu pai, nós, não sabíamos. Seria uma surpresa daquelas. Só que o poeta ficou doente e não pode ir. Uma pena! Mas escreveu um pequeno texto, que valeu como se fosse a presença viva dele, naquele salão todo chique.

O poeta direto, como sempre foi, escreveu umas poucas palavras, mas que disseram tudo:

*Meu querido amigo, não compareço a nenhuma solenidade de homenagem, porque acho todas elas chatas e sem sentido. Mas à sua compareceria, porque para mim ela é extremamente agradável e faz todo o sentido. Não merecia ter ficado doente e proibido, pelo médico, de sair de casa. Seria muito bom para a minha saúde estar junto com você! Mas, com a idade avançada acontece isso: passam a mandar na gente. Receba a minha admiração e o meu afeto, ambos nascidos lá nas franjas da juventude e sempre renovados. Mesmo quando estamos distantes, somos sempre próximos.*

Os presentes, todos, explodiram em aplausos e se deixaram emocionar. Seu pai não fez por menos e acompanhou o auditório. E isso levou lá algum tempo...

Vamos ouvir a palestra, filho, depois a gente conversa. Seu irmão ficou muito feliz e a toda hora cochichava nos ouvidos atentos da família. Tive que repetir: vamos ouvir a palestra, filho, depois a gente conversa.

– E foi aí que o treinador Gentil Cardoso proferiu a famosa sentença, digna de um general romano, como escreveu um jornal na época: *dêem-me o Ademir que eu lhes darei o campeonato*. Eis a frase, em português perfeito, castiço, que melhor resume o supercraque, o craque com letra maiúscula, o “carrasco do Flamengo”, que foi o nosso ilustre homenageado – Ademir Marques de Menezes.

Pernambucano arretado, Ademir nasceu em 1922, ano da Semana de Arte Moderna e de muitos outros acontecimentos importantíssimos no

Brasil, ano que marcou a subida do Club de Regatas Vasco da Gama para a primeira divisão do campeonato do Rio de Janeiro e que antecedeu o bicampeonato do time da Colina, em 1923 e 1924, formado por pretos, pobres, mestiços e analfabetos, e que balançou o preconceito social e racial no futebol brasileiro.

O mesmo Vasco que ajudou a construir o chamado estilo brasileiro de jogar, com técnica e criatividade, do qual Ademir foi um dos grandes destaques. Do estilo e do próprio Vasco. Além da nossa seleção, é claro, onde foi artilheiro, com nove gols, da Copa de 1950, realizada no Brasil.

O orador mostrava conhecimento e eu acho, filha, que ele era apaixonado por futebol. Falava como professor, mas falava também como torcedor. Não tinha idade para ter visto o pai jogar, mas sabia tudo dele e até eu mesma me surpreendia às vezes, com umas coisas que nem eu sabia.

Começou no Sport Clube do Recife, mas brilhou mesmo no Vasco, naquele time lendário, chamado “Expresso da Vitória” (título entre 1944 e 1952), base de uma das melhores seleções brasileiras de todos os tempos, a de 1950, vice-campeã do mundo, mas considerada por unanimidade a melhor daquele Mundial. Ademir atuou ao lado de grandes jogadores, como Barbosa, Augusto, Danilo, Maneca, Chico, entre outros. Era estudante de medicina, no Recife, curso que abandonou na reta final, no quarto ano!, quando veio de mala e cuia para o Rio de Janeiro.

Sua estreia no time da Colina foi contra o América, mas no campo do Botafogo, em março de 1942. Estava em disputa o Troféu da Paz e o Vasco conquistou a taça ao vencer por 2 a 1. A partir daí, o confronto entre Vasco e América passou a ser chamado de “Clássico da Paz”. Não marcou nessa partida, mas seu estilo desenhado em velocidade, referência e oportunismo se fez presente e chamou atenção.

O “Expresso” do Vasco foi uma das melhores equipes do futebol brasileiro, de toda a nossa história, e Ademir era a referência daquele time, pela bola que jogava e pela liderança que exercia. Época de glórias para o Vasco e para Ademir pessoalmente. E também, podemos dizer, para o futebol brasileiro. Era de sua popularização e democratização.

O homem era uma máquina de fazer gols. Jogava como uma flecha, rápido e habilidoso, sua posição em campo é considerada uma das origens do chamado “ponta de lança”, apesar dele ter a qualidade de jogar em várias posições e organizações táticas. Poderia ser chamado de um jogador polivalente, se quisermos usar uma expressão mais atual.

– Ah, teve um outro lance ótimo! Quando ele falou respeitosamente no apelido do pai, “Queixada”, e concluiu fazendo graça: *carregou esse queixo por toda a sua vida de jogador de futebol*. Seu pai, nesse momento, parecia estar muito ligado – ele que está sempre ausente e cada vez mais – e estava ligado mesmo, tanto que concluiu o pensamento do professor, de um jeito muito bem humorado, que o microfone captou, e fez toda a sala ouvir e gargalhar.

Enquanto o professor falava, o pai pegou no próprio queixo, deu uma balançada e disse sorrindo: *não só por toda a minha vida de jogador de futebol, não, mas carregou esse queixo aqui, esse aqui, até hoje. E é o mesmo daquela época. Sem tirar nem pôr*.

Achei tudo lindo, minha filha, só senti sua falta, sua e dos meninos. Depois teve um coquetel cheio de coisas gostosas, e ele, guloso como é, se fartou, você pode imaginar, não é? Estava lotado de gente e eu, preocupada, não tirava o olho dele. Sabe como é que é, né? Ele não largou a placa de prata um só instante, e a todo momento olhava pra ela, dando a impressão de estar longe, bem longe dali.

– E correu tudo bem mesmo, mãe, até o final? Ele não ficou muito excitado, não?

– Ficou, sim. O dr. Herculano desaconselhou a ida dele ao evento, mas eu banqueei e não me arrependo. O médico disse que muita gente assim perturba mais ainda e de certa forma atrapalha o tratamento. Sim, tudo bem, acredito e confio no dr. Herculano, ele é um dos maiores especialistas no tratamento do mal de Alzheimer...

– Mas ele não teve Alzheimer, mãe, foi o câncer na medula que arre-bentou com tudo...

– Pelo menos alguns sinais de Alzheimer ele teve e foram assim num crescendo.

– Jamais saberemos direito, porque a medicina daquela época ainda não era tão avançada. E já faz cinco anos, né, mãe? Parece que foi ontem.

– É uma doença complicada, as duas, na verdade, mas e daí, filha? O futebol foi a vida dele, foi tudo de bom pro seu pai, e agora que ele está meio esquecido, que as pessoas não lembram muito, eu não podia deixar passar essa. Você sabe muito bem que ele não é mais chamado para nada. E foi tão bom, pra mim, pra todos nós e com certeza pra ele também. O esquecimento, para quem já foi endeusado, é a morte... as pessoas do futebol deviam pensar nisso.

– Mas o pai não tem mais condições, mãe, de fazer muita coisa, não. O pessoal esquece mesmo, mas no caso do pai, acho até que eles têm lá as suas razões.

– Alguma coisa sempre dá pra fazer. Veja só como dá. Não deu lá na universidade e não foi bacana? E logo numa universidade! É que o povo do futebol esquece mesmo.

– O Vasco até que tem lembrado dele e de uma forma carinhosa. Teve aquele almoço e aquela homenagem ao “Expresso da Vitória”, aos remanescentes do time.

– Verdade! Mas, eu digo em geral, do futebol brasileiro como um todo. E depois eu acho que tem que fazer as coisas em vida, porque depois... pra quê? Pode ser pra família, mas o homenageado mesmo...

– *Por isso é que eu penso assim, se alguém quiser fazer por mim, que faça agora...*, como já disse o sambista. Foi o Nelson Cavaquinho, não foi?

– Sei não, filha, conheço o samba, mas não o sambista. Já ouvi falar no milagre, mas não sei o nome do santo. Seu pai é que sabia bem essas coisas todas, era amigo do pessoal da Mangueira e garantia que a torcida do Vasco, na Estação Primeira, era tão grande ou maior que a do Flamengo, apesar do Cartola ser Fluminense.

– É, o pai adorava música, principalmente o samba brasileiro e conhecia os caras, ia nas rodas, sabia as músicas... Às vezes, fico boba quando lembro dele (e lembro sempre), caio na real e faço as contas: 10 anos!

– E falava uma coisa bem interessante: sambista não tem time, faz

música pra todas as torcidas. Ele gostava muito do Wilson Baptista, que era flamenguista e jurava que o Noel Rosa, que nunca declarou qual o seu time de coração, era mesmo Vasco, igualzinho ao Jamelão, o primeiro e maior cantor da Escola de Samba da Mangueira.

– Ouvi dizer que está passando um filme na internet, um documentário curta-metragem, que fala de toda a vida e de toda a obra do pai... acho que chama *Quinze anos sem Queixada*.

– E parece que vai sair um livro, também, e com o apoio do Vasco...

– Sobre o pai?

– Não, sobre o seu pai, não, sobre onze dos maiores ídolos do Vasco, de todos os tempos, e sobre a sua imensa torcida bem feliz.

– E o pai tá dentro, é lógico! Tenho certeza. Vou correr atrás, pra saber melhor, saber mais detalhes e conto, mãe. Deixa comigo...

Senhoras e senhores, essa noite aqui na universidade foi muito especial, para todos nós. No fundo, no fundo, homenagearmos um cração de bola, como foi o nosso Ademir Marques de Menezes, é uma homenagem a nós mesmos, porque é uma volta ao nosso melhor passado, às nossas raízes mais profundas, à nossa cultura coletiva, às nossas identidades. Esta universidade que se preocupa em pesquisar, difundir e valorizar o carnaval, o samba, a capoeira, as festas populares, também foi pioneira em estudar o futebol e por isso estamos aqui, nesta noite de gala.

Ademir, muito obrigado, em nome de todos nós, pela honra desta cerimônia, de comparecer juntamente com sua família, e assim valorizando ainda mais os espaços e os sentidos desta universidade. Principalmente, os sentidos! Tenha certeza: foi um prazer, uma honra, um orgulho...

– Onde você vai, pai? O moço ainda está falando e falando pra você, fazendo as despedidas e agradecendo. Não, aqui é a porta de saída, pra onde você ia, pai?

– Sei lá, mãe! Eu estava indo embora...

– Mas, por quê, pai, se eu ainda estava ali, ouvindo as últimas palavras dirigidas a você? Saindo assim, você pode até se perder nesse mundão de

prédios e concretos, e depois tá escuro que tá danado. Fica aqui do meu lado...

– Me larga, mãe, não chateia, tô bem, me deixa. Tô bem mesmo, num tá vendo?!

– Ah, é? Então, porque você estava saindo daqui, indo embora sozinho?

– ... Sei dizer, não, mãe... é que tava todo mundo saindo, aí eu saí também...





# alfredo segundo o próprio

nei lopes



Em memória do primo Vando, que me deu o chaveiro;  
e de meus irmãos Noco e Dica, que me deram a “chave”

A carta me chegou no meio daquele rotineiro e quase semanal desperdício de papel. Veio enfiada entre o jornalzinho do sindicato, o folheto anunciando as ofertas do supermercado, o convite-assédio pondo à minha inteira disposição as “vantagens” daquele cartão de crédito, as ofertas da loja de eletrodomésticos e, pasmem, a garantia de ter meu “amor de volta em três dias” assegurada por Dona Cici, vidente que atendia no estranho telefone (71) 7171-7171 – código de Salvador/ BA, verifiquei.

O envelope era daqueles antigos, de carta aérea, com as bordas em verde-amarelo. A letra do remetente, de caligrafia caprichada, desenhada a caneta-tinteiro (certamente enxugada com mata-borrão). Só que meu nome estava escrito com “y”, o que denotava falta de intimidade, distância, entre o missivista e minha pessoa. Mas não foi isso o que mais me chamou a atenção. O que de fato mais me intrigou foi a falta de selo no envelope. E a circunstância de, no verso, o remetente ter se “identificado” apenas através de um enigmático cognome: “Um Esquecido”.

Procurei abrir com cuidado o envelope. Mas tive que rasgá-lo, pois estava efetivamente lacrado, o que se percebia por um excessozinho de goma-arábica na aba do fechamento. Retirei a carta, papel finíssimo, desdobrei-a e li.

*Estimadíssimo Amigo:*

*Espero que estas mal-traçadas linhas, sem data para não perderem a validade, o encontrem gozando de perfeita saúde juntamente com os seus.*

*O motivo desta missiva é, pedindo licença e desculpas por entrar em sua vida profissional e sua intimidade pessoal, trocar com o Amigo algumas palavras de esclarecimento sobre o assunto que, pelo que sei, é objeto de sua atenção neste momento: minha vida e minha carreira futebolística.*

*Antes de mais nada, sem nenhuma vaidade ou falsa modéstia, gostaria de falar um pouco sobre mim – agora que sei muito mais do que antes sabia.*

*Nasci em 1920. E me criei no subúrbio carioca num tempo em que o futebol estava passando do amadorismo para a profissionalização.*

*Dos clubes daquela época, posso citar, por exemplo: Engenho de Dentro Futebol Clube; Fidalgo, em Dona Clara; Mackenzie, no Méier; Metropolitano, também; Ramos Futebol Clube; Riachuelo Futebol Clube; River, na Piedade... Sem falar no Madureira, no Bonsucesso, no Olaria e no Bangu. Mas minha “área”, como se diz hoje, era Riachuelo, Rocha, Sampaio... por ali.*

*Riachuelo era um bairro alinhado, um subúrbio já quase “cidade” porque fazia divisa com São Francisco Xavier, onde o chique era o bonde, que ia para a Tijuca e para a cidade mesmo. Mas, ali para os lados do Jacaré tinha bons campos de futebol, como o do Galitos e o do Baronesa, colados um no outro. Hoje, pelo que eu sei, tem mais é favela.*

*Cheguei ao Vasco ainda bem garoto. E desde o momento que cheguei, que entrei, aquilo ali passou a ser minha casa, passou a ser tudo para mim.*

*No primeiro campeonato profissional, naquele 1 x 0 contra o Fluminense, eu estava lá. O Vasco jogou com Rey, Domingos e Itália; Gringo, Fausto e Mola; Orlando, Almir, Gradim, Nena e D’Alessandro. O artilheiro daquele campeonato foi o Gradim, atacante da seleção de 32 e, mais tarde, técnico.*

*Por oportuno, lembro que o Gradim se chamava Francisco Ferreira de Souza; e ganhou esse apelido porque se parecia com um meia-esquerda da seleção uruguaia de 29, um rapaz “de cor” também. E para você ver como ele foi famoso, houveram [sic] outros “Gradim”, no Rio: um compositor do Morro de Mangueira, que eu cheguei a conhecer, e um dos fundadores da escola de samba Império Serrano. Muito apelido nascia assim: pela parecência ou até mesmo pela atividade, pela ocupação do sujeito.*

*Mas nessa época, eu não jogava entre os grandes: ficava só admirando os craques do Vasco e querendo ser igual a eles. A todos eles. Inclusive ao Domingos e ao Leônidas, que também vestiram a nossa camisa.*

*O “Divino Mestre” ficou conosco três anos – eu tinha quatorze quando ele saiu! Mas depois mudou de camisa um montão de vezes. Já o “Diamante Negro”*